

Flauta doce na educação especial: musicalizando para a diversidade

Daiane O. Machado

Aluna do Centro Universitário Metodista IPA
Licenciatura em Música
daiamach90@gmail.com

Maria Cecília de A. R. Torres

Centro Universitário Metodista IPA
maria.torres@ipa.metodista.br

Resumo

O presente artigo relata a experiência realizada durante o estágio supervisionado I em Música, no campo da Educação Especial. O estágio ocorreu em uma Escola Estadual de Educação Especial de Porto Alegre/RS no 1º semestre de 2016. O foco do estágio foi o trabalho de musicalização através da flauta doce soprano com quatro turmas com faixa etária a partir dos 15 anos de idade. O estágio teve duração de 2 meses, sendo um mês para as observações e um mês para as regências em sala de aula. Neste texto será relatado como ocorreram as observações e as regências, além das estratégias pedagógico-musicais utilizadas durante este período, assim como alguns resultados apresentados pelas turmas ao final.

Palavras-chave: Educação especial; flauta doce; musicalização.

Introdução

O Estágio Supervisionado e a Escola

Este artigo foi realizado a partir das observações das aulas da disciplina de Artes de uma Escola de Educação Especial de Porto Alegre, e das regências em sala de aula, onde trabalhei com o 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental no primeiro semestre de 2016. O planejamento foi idealizado visando a musicalização através da flauta doce.

A Escola Especial conta com profissionais especializados, com a participação dos pais e da comunidade. Na Escola há uma sala específica para a aula de artes e uma sala de música. A sala de música, utilizada também pelo PIBID, possui um teclado e flautas que foram doadas para a Escola.

Ela atende alunos no turno da manhã, onde estudam os alunos mais velhos (de 15 à 50 anos), muitos com síndrome de down, autismo e desvio comportamental e no turno da tarde, onde estudam os alunos mais novos (de 6 à 14 anos), com paralisia cerebral, síndrome de

down, autismo, psicopatias, entre outras especificidades. O estágio foi realizado no turno da manhã. A escola não possui aulas de música, apenas artes, porém possui o projeto PIBID em música, que atua desde 2014 na escola com dois grupos de bolsistas, no turno da manhã e da tarde.

A flauta doce foi escolhida como instrumento musical norteador da musicalização na Escola Especial, devido ao interesse dos alunos, que ficaram impressionados ao me verem tocar para eles no projeto PIBID, ocorrido no ano anterior, e também a abundância desse instrumento na Escola, que recebeu doações do mesmo. Segundo Cuervo, “a flauta doce possui uma iniciação técnica de execução, leitura e memorização de fácil assimilação, o que facilita o processo inicial de aquisição de habilidades, tornando mais fluente o desenvolvimento das aulas” (CUERVO, 2007, p.3).

As observações

As observações do estágio supervisionado foram realizadas na disciplina de artes, com aulas semanais. Foram 16 horas de observação que possibilitaram um conhecimento sobre os alunos que fariam parte das minhas regências. Morato e Gonçalves salientam que:

A observação tem sido utilizada nos cursos de formação de professores pelo menos sob dois aspectos: um, por estar associada “à concretude da ação pedagógica”, e outro, para “conhecer a realidade” na qual o ensino e aprendizagem de música estão inseridos. (MORATO, GONÇALVES, 2008, p. 126).

Durante as observações pude me aproximar dos alunos e foi importante para conhecê-los, pois, como é uma escola de educação especial, saber das limitações e das individualidades dos alunos é fundamental para a realização de um planejamento inclusivo.

Entre Planejamentos e Regências

O planejamento foi concebido visando o conhecimento do instrumento flauta doce e dos sons que ele produz, além de buscar musicalizar os alunos a partir desse instrumento. O ensino do ritmo foi realizado com atividades corporais e também utilizei alguns instrumentos de percussão como tambores e ovinhos.

Como na escola as turmas eram separadas por idade, e não por desenvolvimento cognitivo, as aulas de música foram planejadas para dois grupos, o grupo A, que possuía maior desenvolvimento cognitivo e motor e o grupo B. O grupo A se subdividia em dois grupos, o grupo A1 e o grupo A2, assim como o grupo B, que se transformaria em grupo B1 e

grupo B2. Cada subgrupo possuía no máximo 5 alunos. As aulas tinham duração de 45 minutos, e ocorreriam uma vez por semana no turno da manhã, totalizando 4 períodos.

O planejamento seguiu a mesma linha de atividades, tanto para o grupo A, como para o grupo B, contudo, no grupo A as atividades eram mais complexas. Os alunos nas aulas puderam desmontar a flauta doce e explorar suas inúmeras possibilidades, tocar apenas com a cabeça da flauta o ritmo da música “Bem te vi”, descobrir a digitação da nota Dó e da nota Lá, treinar a mudança de digitação que ocorre entre uma nota e outra, além de tocar o ritmo da música “Bem te vi”¹ com tambores e ovinhos.

O produto final do estágio supervisionado foi a prática em conjunto, com todos tocando a música “Bem te vi”. Durante as aulas um aluno cita a música “We will rock you” da banda inglesa “Queen”, portanto essa música foi agregada ao planejamento, fazendo parte das atividades realizadas.

Faço uma síntese de como ocorreram as regências e destaco o que me chamou a atenção durante essa experiência. A descrição das regências será subdividida em grupos, como ocorreu nas práticas em sala de aula.

Grupo B1

As flautas doce foram entregues aos alunos para que as desmontassem e tentamos soprar, apenas com a cabeça da flauta, o ritmo da música “Bem te vi”. Uma aluna não estava conseguindo fazer o ritmo, então pedi para que ela tentasse fazê-lo caminhando pela sala, depois com palmas, para só então passar para a flauta. Ela após caminhar fazendo o ritmo pré-estabelecido e após bater palmas, pegou a flauta novamente, conseguindo tocar com pouco menos de dificuldade a célula rítmica. Segundo Louro:

Diante de um aluno especial que possua muita dificuldade em compreender e/ou executar os aspectos musicais, um professor de música pode achar que ele é incapaz de aprender música, sejam questões práticas ou teóricas, quando na verdade, o que pode lhe faltar é preparo interno para tal aprendizagem. (LOURO, 2006, p. 61)

Na aula seguinte expliquei que a mão esquerda é a que fica em cima e a direita fica embaixo na flauta doce. Depois relembramos como era o ritmo da música “Bem te vi” e tocamos na flauta. Salientei a importância da articulação da língua, e após algumas tentativas notei que os alunos com Síndrome de Down estavam tendo maior dificuldade em articular a língua devido à espessura que esta possui.

¹ Arranjo de Isolda Frank que consta no livro “Método para Flauta-Doce Soprano”, de 1982.

Toquei as notas musicais da escala de Dó maior na flauta e falei que na música que nós estávamos tocando a gente precisava usar a nota Dó. Mostrei o dedilhado da nota e então passei um por um auxiliando na posição dos dedos. Os alunos posicionaram as mãos e sopraram, porém um aluno com Síndrome de Down não estava conseguindo articular os dedos, ele não possuía o movimento de pinça, segurando a flauta com a mão toda. Os alunos tocaram a nota Dó soprando livremente, sendo que uma aluna soprava muito forte, apitando a flauta. Expliquei que era para soprar fraquinho porque a nota escapa se soprar forte e, depois de algumas tentativas, ela conseguiu encontrar o som certo. Separei a turma em dois grupos, o grupo que iria tocar flauta e o grupo que iria tocar tambor. Nessa perspectiva, Beineke (2001) ressalta que:

...a prática profissional caracteriza-se por envolver situações de incerteza, singularidade e conflito, apresentando problemas que não estão bem definidos e organizados. Por isso, a própria natureza da prática exige que o profissional encontre soluções únicas para problemas específicos. (BEINEKE, 2001,p.89)

O aluno autista que não possuía o movimento de pinça foi colocado no grupo dos tambores, assim ele se sentiu acolhido, pois fazia o ritmo junto com outros colegas enquanto alguns tocavam a música na flauta doce. Os alunos que estavam com a flauta, tocaram a música apenas com a nota Dó.

Em uma outra turma um aluno sugeriu que nós tocássemos a música “We Will Rock You” da banda inglesa “Queen”. Entreguei um tambor para cada um e comecei a tocar o ritmo da música. Muitos disseram que conheciam, sendo que uma aluna até começou a cantarolar a música. Ao tocar a melodia e bater uma semínima no tambor eu levantava as mãos e eles começaram a fazer o mesmo, acertando o ritmo da música.

Grupo B2

Esta turma era muito pequena, com apenas dois alunos, uma menina, que possui déficit de aprendizagem, e um menino que é autista. O menino não me olhava diretamente. Toquei as músicas “Coco Peneruê” de Waldemar Henrique e “Rosa Morena” da cultura popular para mostrar o timbre da flauta. Os dois aplaudiram, porém o menino continuou aplaudindo por muito tempo, como se estivesse tendo movimentos involuntários das mãos.

Entreguei um tambor para o aluno fazer o mesmo que nós estávamos fazendo, porém no tambor e não na flauta doce e ele realizou a tarefa, mas não quis continuar. Entreguei dois ovinhos para ele e continuei tocando no tambor, ao lado do aluno, enquanto a menina tocava na flauta, assim ele conseguiu se organizar e me acompanhar com os ovinhos. Beineke relata

que “quando falamos em uma ‘pedagogia das diferenças’ na sala de aula, assumimos também que o professor precisa saber administrar os processos de aprendizagem dos alunos e potencializar condições para que eles se desenvolvam” (BEINEKE, 2003, p.64). Portanto, com este aluno tive que mudar a proposta, para que ele pudesse participar efetivamente da aula e se apropriar do conhecimento transmitido.

Toquei a música “Bem te vi” na flauta e expliquei que iríamos treinar o ritmo dela. Fiz na flauta o ritmo para a menina fazer junto. Após algumas tentativas ela conseguiu fazer. Então fui para o tambor tocar ao lado do menino, que ainda estava com os ovinhos, toquei a pulsação da música e ele se juntou a mim, dobrando a pulsação. Na aula seguinte mostrei no tambor o ritmo da música do “Queen” e o menino começou a cantarolar a música e a menina a bater palmas no mesmo ritmo que eu estava fazendo. Mostrei o ritmo da música nos tambores e menina tocou comigo, porém o menino tocava só de vez em quando. Perguntei se ele sabia cantar a música e então toquei na flauta doce e ele cantou a melodia.

Grupo A 1

Realizamos as atividades com as flautas doces para que os alunos as desmontassem, utilizando apenas a cabeça da flauta, seguida das explicações sobre a articulação. Começamos a soprar em semínimas num compasso 4/4 e um dos alunos ficava passando a flauta de um lado para o outro da boca, então expliquei que precisava ficar parada no meio da boca, para o som não sair tremido. Ele parou, mas às vezes fazia isso novamente.

Apresentei a música “Bem te vi” e expliquei que essa seria a peça que eles iriam aprender a tocar na flauta. Segundo Cuervo e Pedrini, “utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las.” (CUERVO, PEDRINI, 2010, p.53). Começamos a tocar o ritmo da música, o aluno que anteriormente estava passando a flauta de um lado para o outro da boca teve maior dificuldade. Então pedi para todos ficarem de pé e caminharem no ritmo da música, depois sentamos novamente batemos palmas e em seguida distribuí os tambores e tocamos.

Trabalhamos o ritmo da música, com comprometimento do mesmo aluno que estava com dificuldade na flauta doce e comecei a tocar a pulsação da música com ele enquanto os outros tocavam o ritmo. Esse mesmo aluno, enquanto tocávamos “Bem te vi”, começou a percutir o ritmo da música “We Will Rock You”. Paramos de tocar e falei para ele de qual música era o ritmo e ele disse que gostava dessa música.

Grupo A2

Comecei a regência tocando “Coco Peneruê” e “Rosa Morena” para eles ouvirem o timbre da flauta, uma aluna que é autista aplaudiu e ficou pedindo a música “Asa Branca”, também toquei essa música sendo que, enquanto eu tocava, ela ficava cantando a letra. Depois entreguei para eles as flautas e pedi que desmontassem elas. Expliquei a importância da articulação da língua e testamos essa articulação soprando em semínimas em um compasso 4/4. Notei que uma das alunas tremia os lábios para soprar, ela tem um déficit de aprendizagem e sempre foi muito tímida nas observações realizadas anteriormente.

No encontro seguinte comecei a tocar a batida da música “We Will Rock You”. Um aluno começou a cantarolar e disse que seu pai ouvia essa música. Uma aluna também disse que conhecia. Entreguei tambores para os alunos e tocamos algumas vezes a música.

Parei de tocar o tambor e pedi que continuassem sem mim e comecei a tocar a melodia na flauta, a aluna autista cantarolava junto, além de tocar o tambor no ritmo certo. Após nos direcionamos para a flauta e mostrei como era a nota Lá e treinamos a troca da nota Dó para a nota Lá. Depois treinamos essa troca dentro do ritmo da música. Os alunos ficaram muito felizes que estavam conseguindo tocar. Nesse sentido, Louro comenta que:

No decorrer do processo de aprendizagem, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato consigo mesmo, no momento em que se depara com os obstáculos e conquistas do fazer musical. Dessa maneira, encontra-se diante da possibilidade de trabalhar de forma objetiva suas dificuldades e limitações; de descobrir nesse processo suas capacidades e talvez perceber que o limite pode ser a mola propulsora para sua realização pessoal, seja ela musical ou de outra natureza. Essa é a grande contribuição da educação musical no processo do desenvolvimento humano. (LOURO, 2006, p.28)

No final da aula a professora dos alunos e a direção foram assistir eles tocando a música “Bem te vi”.

Considerações finais

Realizar o estágio em uma Escola de Educação Especial me mostrou que educação musical neste ambiente é possível, apesar das dificuldades e diversidades encontradas em sala de aula. Trabalhar com flauta doce soprano foi um desafio, pois é um instrumento que exige a articulação da língua e o trabalho de digitação envolvendo a motricidade fina, e muitos alunos da educação especial possuem dificuldade para articular, além da questão dos movimentos involuntários que muitos possuem, mudando a sonoridade do instrumento. Segundo Joly:

...a música é um fator importante para favorecer o desenvolvimento de crianças com necessidades especiais. Desde que o professor consiga planejar adequadamente, a aprendizagem de comportamentos musicais se dá de maneira gradual e crescente, tanto em termos quantitativos (a criança aprende mais de aula para aula) como em termos qualitativos, isto é, a criança aprende comportamentos cada vez mais complexos. (JOLY, 2003, p.83)

Apesar das dificuldades, os alunos demonstraram gostar do instrumento e das aulas de música, pois à medida que as aulas iam acontecendo, eles observavam a sua evolução, tanto na prática de flauta doce, quanto no acompanhamento da pulsação e ritmo. A gratificação ao final das regências foi muito grande. Pude perceber que os alunos estavam interessados e realizados com as conquistas alcançadas ao final das aulas.

Os conhecimentos adquiridos na academia me prepararam para o estágio, porém para muitas situações tive que encontrar soluções imediatas que não estavam em meu planejamento, adaptando-o. Mesmo já conhecendo a escola e alguns alunos, foi uma situação nova para mim, já que nunca havia trabalhado com flauta doce soprano com eles e nunca havia regido aulas sozinha, sem outros bolsistas do PIBID junto. Beineke (2007) comenta:

Entendemos que as ações pedagógicas dos estagiários revelam-se no contexto da sala de aula, em um momento importante de sua formação inicial, quando enfrentam o desafio de articular os conhecimentos construídos até então, fora e dentro do contexto universitário, com as necessidades cotidianas de sala de aula. (BEINEKE, 2007, p. 74)

Aprendi muito neste período, pois, como estagiária, tive uma experiência que fez com que crescesse como docente. Além de descobrir como é reger uma aula de música na educação especial, também aprendi a pensar nas individualidades dos alunos durante meu planejamento, e a adaptar o planejamento quando necessário, resolvendo questões que surgiam ao longo das regências

REFERÊNCIAS

BEINEKE, Viviane. A diversidade em sala de aula: um olhar para a prática de uma professora de música. In: *Revista do Centro de Educação UFSM*. Santa Maria, vol. 28, n. 2, p.59-70, 2003.

BEINEKE, Viviane; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A mobilização de conhecimentos práticos no estágio supervisionado: um estudo com estagiários de música da UFSM/RS e da UDESC/SC. In: *Revista Música Hodie UFG*. Goiânia, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

BEINEKE, Viviane. Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. In: *Revista da ABEM*. Porto Alegre, vol. 9, n. 6, p. 87-95, 2001.

CUERVO, Luciane. A Expressão da Musicalidade com a Flauta Doce: Reflexões e Estratégias. In: *XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA*, 8 a 11 de outubro, Campo Grande, p. 3, 2007.

CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre a criatividade na aula de música. In: *Música na educação básica. Associação Brasileira de Educação Musical*. Porto Alegre, vol. 2, n. 2, p.48-61, 2010.

FRANK, Isolde M.. *Método para flauta-doce soprano*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1982.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. In: *Revista do Centro de Educação UFSM*. Santa Maria, vol. 28, n. 2, p.79-86, 2003.

LOURO, Viviane; ALONSO, Luís; ANDRADE, Alex. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Ed. Do Autor, 2006.

MORATO, Cíntia; GONÇALVES, Lilia. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: SOUZA, J. e MATEIRO, T. (Org). *Práticas de ensinar a música*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 119-132.